

Ana Maria de Sousa Nascimento Piedade

**"Portugal como problema e o problema de Portugal
no ensaísmo de Eduardo Lourenço"**

(Sumário da lição destinada às provas para
obtenção do título de agregada)

**Lisboa
2010**

Handwritten notes and a library stamp at the bottom right of the page.

Preâmbulo

Apresenta-se a seguir o sumário da lição proposta à Universidade Aberta no âmbito das provas para obtenção do título académico de agregada, conforme o estipulado pelo Decreto-Lei n.º 239/2007, de 19 de Junho, que inclui nas suas determinações – Artigo 5º, alínea c) – “um seminário ou lição sobre um tema dentro do âmbito do ramo do conhecimento ou especialidade em que são prestadas as provas, e sua discussão”.

A lição sumariada a seguir articula-se com os objectivos e conteúdos do programa de *Temas de Cultura Portuguesa II*, a unidade curricular do curso de Mestrado em Literatura e Cultura Portuguesas (do Departamento de Humanidades da Universidade Aberta) a que se refere o Relatório igualmente apresentado nestas provas.

1.

Para compreender a leitura da cultura portuguesa levada a cabo por Eduardo Lourenço e, em particular, o tema que adoptarei como fio condutor da presente lição - Portugal como problema e o problema de Portugal - importará começar por sinalizar aqui certas idiossincrasias que enquadram e singularizam o seu ser-ensaísta. Paralelamente, tratarei de articulá-las com elementos fundadores e estruturantes deste ensaísmo, quer no que se refere à sua matriz reafirmadamente heterodoxa quer no que diz respeito ao solo em que se funda e desenvolve a heterodoxia, ou seja, a experiência trágica da existência.

A funda inquietação de onde emana a escrita do autor de *O Esplendor do Caos*, a ausência de dogmatismo que a estrutura e a indissociável ligação ao que é humano e vital que a tipifica, contribuem para que esta escrita não evolua de modo linear nem previsível, mas progrida de forma um tanto fortuita, por avanços e retrocessos, derivas e errâncias, obedecendo a circunstâncias da vida e do próprio texto.

O *ethos* ensaístico lourenciano privilegia uma racionalidade dialógica e argumentativa que, inserindo-se numa historicidade determinada, perspectiva a realidade de forma oblíqua e transversal, nunca de acordo com uma ordem pré-estabelecida mas optando pela pluralidade face à unidade, assim como pela interrogação provisória em detrimento da conclusão definitiva.

Ora este modo de ser-ensaísta compromete a segurança que uma abordagem baseada numa metodologia cartesiana, ou seja, predominantemente lógica, coerente e sistemática, poderia oferecer, provocando, opostamente, uma forte perplexidade e propondo-nos um incessante desafio e risco hermenêuticos. Tendo o *espaço literário* como horizonte referencial de germinação das suas ideias, o ensaísta revela-se também escritor e entrega-se à volúpia do estilo dirigindo-se "à generalidade dos cultos", quer dizer, a todos quantos sendo cultivados não são especializados, propondo-lhes uma diversidade e universalidade temáticas que, intrinsecamente imbuídas de uma cultura superior, se afastam da mera erudição.

No universo criativo de Eduardo Lourenço e tal como escreveu o heterónimo pessoano epigrafeado pelo ensaísta¹, "o que é preciso é compenetrarmo-nos de que, na leitura de todos os livros, devemos seguir o autor e não querer que ele nos siga." Ao fazê-lo, importará ainda considerar a posição nuclear atribuída por Lourenço ao mito – essa tradução suprema do paradoxo humano² – ao poder da imagem, à mitologia – reflexo de um "mundo do espírito com a prevalência do humano"³ –, relevância que, ao mesmo tempo que deixa entrever a suspeita lourenciana relativamente aos limites estreitos de uma estrita racionalidade⁴, parece funcionar como uma espécie de recurso que permite aceder a tudo o que, sendo vital, está para além do mero entendimento lógico.

Estamos pois perante um pensamento complexo que alberga possibilidades diversas de sentido, opera num âmbito vastíssimo (filosófico, literário, histórico, político, artístico) e que se exprime através de uma escrita que, se irremediavelmente nos cativa pela sua fulgurante originalidade, em muito dificulta a tarefa interpretativa pela sua extrema densidade, pela recorrente circularidade do seu raciocinar e, ainda, pela (consciência da) necessidade de em nada "simplificar e reduzir o que se quis deliberadamente profuso, labiríntico, inesgotável."⁵

2.

Uma análise cuidada de um *corpus* seleccionado de textos significativos⁶ permitirá evocar, de forma preambular, o que é conhecido: 1. que a via privilegiada de indagação da cultura portuguesa levada a cabo por Eduardo Lourenço é a produção literária dos seus mais relevantes criadores; 2. e que a interpretação do sentido e do simbolismo das imagens veiculadas pela literatura constitui um domínio emblemático da sua reflexão sobre o modo de ser-português e o destino pátrio.

¹ António Mora. A epígrafe surge no I capítulo de *Fernando Pessoa Revisitado. Leitura Estruturante do Drama em Gente*, Lisboa, Moraes Editores, 1981.

² CRUZEIRO, 1997: 13

³ Adopto a sugestiva definição de Almada no seu "Prometeu – Ensaio Espiritual da Europa": "A mitologia é o mundo do espírito com a prevalência do humano; como o religioso é o mundo do espírito com a prevalência do divino."

⁴ O ensaio de Eduardo Lourenço provocadoramente intitulado "Sérgio como mito cultural – É o autor de Ensaio um ensaísta?" ilustra bem este ponto de vista.

⁵ GIL, 1996: 7

⁶ Incluídos principalmente (mas não exclusivamente) em *Heterodoxia I e II, O Labirinto da Saudade, Nós e a Europa ou as Duas Razões, Mitologia da Saudade seguido de Portugal como Destino ou A Nau de Ícaro e Imagem e Miragem da Lusofonia*. Cf. "Referências Bibliográficas".

A produção literária constitui, para Eduardo Lourenço, a "expressão real de toda a cultura superior"⁷ representando, porventura, a única excepção que se encontra na cultura portuguesa ao marasmo e inferioridade generalizados. Sabe-se, designadamente desde a entrevista "As confissões de um místico sem fé", publicada no número especial que a revista *Prelo* lhe dedicou em 1984, que esta muito especial valorização concedida à literatura coincide com uma especificidade que desde cedo individualizou o percurso biográfico-intelectual de Eduardo Lourenço. Aí revela as reais motivações que transportaram a atenção indagadora do então jovem 'aprendiz de filósofo' para esse reino da subjectividade por excelência, corporizado pelos "navios luminosos da ficção", que reforçará o seu - inesgotável e insaciado - "apetite vital de «sentido» para a existência".

Interessará examinar nesta lição esse importante momento de diálogo que Eduardo Lourenço entreteve com a revista *Prelo* (assim como outros textos igualmente relevantes) com o intuito de: 1. assinalar a viragem para a dominante estético-literária e cultural que, a partir dos anos 50-60, modela o ensaísmo de Eduardo Lourenço e o orienta para a eleição do "estudo da literatura" e de determinados aspectos da cultura e da historiografia nacionais como objectos privilegiados de reflexão; 2. proceder a uma breve identificação das opções metodológicas que fundamentam a sua reflexão identitária e a crítica da portugalidade.

3.

Prosseguindo a análise do *corpus* ensaístico referenciado e constituído com o objectivo específico de delimitar, fundamentar e ilustrar o tema escolhido para esta lição - Portugal como problema e o problema de Portugal, importará igualmente seguir o incisivo retrato lusíada que o autor de *A Morte de Colombo* traça, circunscrevendo e sistematizando vários aspectos fulcrais - em grande parte intrinsecamente negativos - do comportamento português. De entre estes, dar-se-á particular destaque aos motivos pelos quais a imagem que os portugueses têm de si mesmos surge estruturalmente afectada por aquilo que Eduardo Lourenço designa como um "irrealismo prodigioso". Trata-se de um conceito central (que surge

⁷ LOURENÇO, 1987: 13

também designado como "irrealismo histórico") na análise e interpretação críticas da historiografia cultural portuguesa protagonizadas pelo autor de "Portugal como Destino" que, por isso, tratarei aqui de situar no percurso reflexivo do nosso ensaísta, assim como, definir em articulação com um conjunto de outros conceitos que lhe são correlatos.

Na óptica lourenciana, vários são os 'sintomas' que concorrem para o facto de não conseguirmos ter uma ideia lúcida e, por conseguinte, fidedigna acerca da "nossa celebrada maneira de estar no mundo". Esta, como escreve Eduardo Lourenço com queirosiana ironia, desocultando a risível tautologia que a circunscreve, tem sido considerada, ao longo dos nossos "oitocentos anos de história pátria" como sendo "a melhor do mundo, por ser nossa e por não podermos conceber outra"⁸, tendo esta circunstância sido sempre e paradoxalmente aceite pela comunidade lusíada sem necessidade de ser questionada mas antes com aquela naturalidade própria das evidências lapidares.

Neste como noutros aspectos Eduardo Lourenço mostra-se sintonizado com o criticismo da Geração de 70, em particular o de Antero e o de Eça, mas também com o posterior de Fernando Pessoa, ligação esta que interessará problematizar e documentar, em especial à luz de algumas das principais ideias que estruturam a sua «preocupação por Portugal».

⁸ LOURENÇO, 2005: 127

Referências Bibliográficas

ACTIVA

- LOURENÇO, Eduardo, 1951 - "Ideia para uma Historiografia Existencial do Pensamento Português", in AA.VV., *Unicórnio. Antologia de Inéditos de Autores Portugueses Contemporâneos*, Org. José-Augusto França, Lisboa, Maio, pp. 38-44.
- , (Org.), 1952 - "Como vivem os intelectuais portugueses a sua relação com a cultura passada em Portugal", in *Bicórnio*, Lisboa, pp. 43-64.
- , 1984 - "Cultura e Realidade Nacional ou uma Querela sem Sentido", in *Ocasionais I (1950-1965)*, Lisboa, A Regra do Jogo, pp. 19-23.
- , 1984b - "As confissões de um místico sem fé", entrevista conduzida por Diogo Pires Aurélio, in *Prelo. Revista da Imprensa Nacional/Casa da Moeda*, Número Especial, Maio, pp. 7-16.
- , 1987 - *Heterodoxia I e II*, Lisboa, Assírio & Alvim.
- , 1993 - *Fernando, Rei da nossa Baviera*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- , 1994 - *Nós e a Europa ou as Duas Razões*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- , 1996 - "Um heterodoxo confessa-se" entrevista conduzida por Vicente Jorge Silva e Francisco Bélar, in *O Ensáismo Trágico de Eduardo Lourenço*, Lisboa, Relógio D'Água, pp. 41-75.
- , 1999 - "A perspectiva sociológica mais comum em relação à questão da identidade é cega porque o indivíduo não é o seu sujeito", entrevista conduzida por Lindeza Diogo, Osvaldo Silvestre, Laura Santos e Luís Mourão, in *Zentralpark. Revista de Teoria & Crítica*, nº 2, "Os Intelectuais", Braga, Angelus Novus, pp. 74-82.
- , 1999b - *Mitologia da Saudade seguido de Portugal como Destino*, S. Paulo, Companhia das Letras.
- , 2000 - *a Noite Intacta. (I)recuperável Antero*, Vila do Conde, Centro de Estudos Anterianos.
- , 2001 - *A Nau de Ícaro e Imagem e Miragem da Lusofonia*, S. Paulo, Companhia das Letras.
- , 2003 - "O Mundo Secreto de Eduardo Lourenço", entrevista conduzida por José Carlos Vasconcelos, in revista *Visão* de 22 de Maio.
- , 2004 - *Destroços. O Gibão de Mestre Gil e Outros Ensaios*, Lisboa, Gradiva.
- , 2004 - *Montaigne ou la vie écrite*, Paris, L'Escampette.

- , 2005 - "As descobertas como mito e o mito das descobertas", in *A Morte de Colombo. Metamorfose e Fim do Ocidente como Mito*, Lisboa, Gradiva, pp. 35-41.
- , 2005b - *O Labirinto da Saudade*, Lisboa, Gradiva.
- , 2006 - *As Saias de Elvira*, Lisboa, Gradiva.
- , 2009 - "À escuta de Eduardo Lourenço", entrevista conduzida por Maria João Seixas, in *Eduardo Lourenço. Uma ideia do mundo, Colóquio Letras*, nº 171, Maio/Agosto, pp. 13-22.

PASSIVA

- AA.VV., 2009 - *Eduardo Lourenço. Uma ideia do mundo*, in *Colóquio Letras*, nº 171, Maio/Agosto.
- AGUIAR, Joaquim, 1984 - "A esquizofrenia sublime", in *Prelo. Revista da Imprensa Nacional/Casa da Moeda, Número Especial*, Maio, pp. 83-93.
- BAPTISTA, Maria Manuel, 2003 - "Da Filosofia e da Cultura na obra de Eduardo Lourenço", in *Eduardo Lourenço - A paixão de compreender*, Porto, Asa, pp. 21-77.
- , 2003 - "Da cultura europeia à lusofonia: pensar o impensado com Eduardo Lourenço", in *Metamorfoses 4*, Lisboa/Rio de Janeiro, Editorial Caminho e Cátedra Jorge de Sena/UFRJ, pp. 45-54.
- , "Mito, História e Filosofia na obra de Eduardo Lourenço", in *Eduardo Lourenço. Estudos - I*, Maia, Ver o Verso edições, 2006, pp. 15-26.
- BARRETO, Luís Filipe, 1984 - "Em torno de «O Labirinto da Saudade»", in *Prelo. Revista da Imprensa Nacional/Casa da Moeda, Número Especial*, Maio, pp. 69-81.
- BARRENTO, João, 2004 - "Pensar sem aspas", in Maria Manuel Baptista (Coord.), *Cartografia Imaginária de Eduardo Lourenço - dos Críticos*, Maia, Ver O Verso, pp. 223-228.
- BELCHIOR, Maria de Lurdes, 1979 - "Portugal: o Labirinto da Saudade", *Revista de História Económica e Social*, nº 4, Lisboa, Sá da Costa, Julho-Dezembro, pp. 1-14.
- CARRILHO, Manuel Maria, 2004 - "O fio de Ariana de Eduardo Lourenço", in Maria Manuel Baptista (Coord.), *Cartografia Imaginária de Eduardo Lourenço - dos Críticos*, Maia, Ver O Verso, pp. 153-158.
- CRUZEIRO, Maria Manuela, 1997 - *Eduardo Lourenço - O Regresso do Corifeu*, Lisboa, Editorial Notícias.
- , 2004 - "A outra face das coisas (nos vinte anos do Labirinto da Saudade)", in Maria Manuel Baptista (Coord.), *Cartografia Imaginária de Eduardo Lourenço - dos Críticos*, Maia, Ver O Verso, pp. 159-170.
- FERREIRA, Vergílio, 1984 - "Ser e estar", in *Prelo. Revista da Imprensa Nacional/Casa da Moeda, Número Especial*, Maio, pp. 19-22.
- , 1993 - "Eduardo Lourenço heterodoxo (A propósito de Heterodoxia-II)", in *Espaço do Invisível III*, Lisboa, Bertrand, pp. 127-146.

- GIL, José e CATROGA, Fernando, 1996 - *O Ensaísmo Trágico de Eduardo Lourenço*, Lisboa, Relógio D'Água.
- GOULART, Rosa Maria, 2004 - "Eduardo Lourenço: a arte do ensaio", in Maria Manuel Baptista (Coord.), *Cartografia Imaginária de Eduardo Lourenço - dos Críticos*, Maia, Ver O Verso, pp. 33-36.
- HENRIQUES, Mendo Castro, 2009 - "A dialéctica aberta de Eduardo Lourenço", in *Colóquio Letras*, Eduardo Lourenço, 85 anos - *Congresso Internacional*, Fundação Calouste Gulbenkian/6 e 7 de Outubro de 2008, nº 170, Janeiro/Abril, pp. 318-328.
- LIMA, João Tiago Pedroso de, 2008 - *Existência e Filosofia. O Ensaísmo de Eduardo Lourenço*, Porto, Campo das Letras.
- LOPES, Silvina Rodrigues, 2004 - "Alguns apontamentos sobre o ensaísmo de Eduardo Lourenço", in Maria Manuel Baptista (Coord.), *Cartografia Imaginária de Eduardo Lourenço - dos Críticos*, Maia, Ver O Verso, pp. 37-42.
- MARTINS, Guilherme D'Oliveira, 2009 - "Eduardo Lourenço, herdeiro da geração de 70 e da primeira «Seara Nova»", in *Colóquio Letras*, Eduardo Lourenço, 85 anos - *Congresso Internacional*, Fundação Calouste Gulbenkian/6 e 7 de Outubro de 2008, nº 170, Janeiro/Abril, pp. 32-34.
- PIEDADE, Ana Nascimento, 2008 - "Eduardo Lourenço, património da nossa cultura", in *Meridianos Lusófonos*, Coord. Petar Petrov, Lisboa, Roma Editora, pp. 149-170.
- , 2009 - "Eça de Queirós e Fernando Pessoa no Labirinto de Eduardo Lourenço", in *Colóquio Letras*, Eduardo Lourenço, 85 anos - *Congresso Internacional*, Fundação Calouste Gulbenkian/6 e 7 de Outubro de 2008, nº 170, Janeiro/Abril, pp. 132-137.
- REAL, Miguel, 2008 - *Eduardo Lourenço e a Cultura Portuguesa*, Lisboa, QuidNovi.
- REIS, Carlos, 2004 - "A poética do ensaio", in *Cartografia Imaginária de Eduardo Lourenço - dos Críticos*, Maia, Ver O Verso, pp. 23-32.
- , 2009 - "Eduardo Lourenço queirosiano", in *Colóquio Letras*, Eduardo Lourenço, 85 anos - *Congresso Internacional*, Fundação Calouste Gulbenkian/6 e 7 de Outubro de 2008, nº 170, Janeiro/Abril, pp. 138-146.
- RODRIGUES, Maria Teresa, 2009 - "Eduardo Lourenço, hermeneuta do imaginário português", in *Colóquio Letras*, Eduardo Lourenço, 85 anos - *Congresso Internacional*, Fundação Calouste Gulbenkian/6 e 7 de Outubro de 2008, nº 170, Janeiro/Abril, pp. 236-250.
- SARAIVA, Arnaldo, 2004 - "Eduardo, sábio da nossa Baviera", in Maria Manuel Baptista (Coord.), *Cartografia Imaginária de Eduardo Lourenço - dos Críticos*, Maia, Ver O Verso, pp. 85-92.
- SEABRA, José-Augusto, 1992 - "Eduardo Lourenço e o espírito de heterodoxia", in *Homenagem a Eduardo Lourenço. Colectânea de Estudos*, Lisboa, IICALP, pp. 127-135.
- , 2004 - "Eduardo Lourenço ou a incomodidade de pensar (o fascismo e o resto)", in Maria Manuel Baptista (Coord.), *Cartografia Imaginária de Eduardo Lourenço - dos Críticos*, Maia, Ver O Verso, pp. 129-133.

SOARES, Maria de Lurdes, "Encontros de confrontação que nos falta: Eduardo Lourenço e Maria Gabriela Llansol", in *Colóquio Letras*, Eduardo Lourenço, 85 anos - *Congresso Internacional*, Fundação Calouste Gulbenkian/6 e 7 de Outubro de 2008, nº 170, Janeiro/Abril, pp. 147-162.

VECCHI, Roberto, 2009 - "O pensamento português, o crítico e a excepção", in *Eduardo Lourenço. Uma ideia do mundo*, in *Colóquio Letras*, nº 171, Maio/Agosto, pp. 145-149.